

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: 02

Data: 23.04.68

Pg.: _____

Seringalista é que massacrava

A mulher de um ex-funcionário do SPI, Sr. Jurael Batista, denunciou ontem o seringalista Antônio Junqueira como o mandante do massacre dos cintas-largas — índios que habitam o Norte de Mato Grosso —, fato que, segundo ela, desde 1963, era do conhecimento do ex-Diretor do SPI, Sr. Noel Nunes, e do General Meira Matos, que na ocasião determinou a apreensão dos criminosos que estavam em poder dos massacradores.

Segundo a Sr. Jurael Batista, Ataide Pereira, que os jornais apontam como o matador dos índios, é apenas um do grupo de 12 que utilizaram, para manutenção do grupo, um avião teco-teco, cujo número está em seu poder. O nome do piloto é conhecido das autoridades há, pelo menos dois anos, quando seu marido os denunciou ao DOPS.

O MASSACRE

— O massacre dos cintas-largas foi realizado em fins de setembro e princípio de outubro de 1963. Eu e meu marido, que trabalhávamos para o SPI em vários postos da região de Mato Grosso, recebemos um dia a visita de um padre da missão jesuíta de Ubariti. Este padre estava com uma fita onde gravou o depoimento de Ataide Pereira, que participou do massacre, e depois, arrependido, procurou o padre para que gravasse a denúncia.

— Esse Ataide, que os jornais hoje dizem que vende pipoca nas ruas de Curitiba, era apenas um de um grupo de 12. Essa fita foi levada ao conhecimento do meu marido, que a regravou. Na época era Diretor do SPI o Sr. Noel Nunes. Meu marido mandou a fita para ele, que em seguida a trouxe para o Rio, onde foi mostrada pela televisão, pelo rádio e pelos jornais.

— O atual General Meira Matos sabia de tudo. Ele mesmo tomou as armas, metralhadoras e pistolas calibre 45 dos atacantes. Eu conheço uma pessoa que garante que estas armas foram mais tarde devolvidas a eles. Tenho o número do avião que os atacantes utilizavam para o massacre. Por uma questão de segurança não posso revelar. Mas todo mundo sabia disso. O nome do piloto era conhecido pelas autoridades. Ninguém temou qualquer providência para impedir que o massacre continuasse.

— Há dois anos meu marido esteve no DOPS, em São Paulo, onde foi chamado para reconhecer a voz do Ataide Pereira na gravação que também recebeu, das acusações que passavam sobre algumas pessoas. Temos fotos e documentos provando isso tudo. O Major Luis Vinhas Neves também sabia disso.

TORTURADORES

A Sra. Jurael Batista denunciou ainda os Srs. Flávio de Abreu, João Batista Correia e um tal de Viegas, como os principais responsáveis do massacre em toda a região do Norte de Mato Grosso. "Todas as denúncias abertas para apunlar as irregularidades que esses três cometeram com os índios deram em nada."

— Uma das torturas mais comuns praticadas por eles era prender o índio, colocá-lo de braços abertos como um crucifixo, e em seguida, acotá-lo. Muitos morriam em consequência dos maus tratos.

Segundo a Sra. Jurael Batista tudo está contido em diversas comissões de inquérito, que foram instaladas sempre que as autoridades recebiam notificação dessas torturas. O primeiro Major Luis Vinhas Neves sabia disso, "mas jamais tomou qualquer providência".

— Até os missionários protestantes têm uma certa responsabilidade pelo que durante todos esses anos ocorreu com o índio brasileiro. Eles não lutam e não fazem nada pelos índios. Limitam-se a ensinar religião, criando uma confusão enorme na cabeça dos índios, que já nasceram com certa dose de catolicismo. Ainda cobram ao índio qualquer favor que lhes prestam. Visitavam as aldeias apenas para saber melhor o idioma indígena. Pagavam ao índio NCRs 9,10 por dia, pelas lições do idioma indígena. O sonho deles era escrever uma bíblia na língua do índio. Quando um índio era morto, eles cobravam, exigindo que os filhos fossem mais baratos.

— Uma das maiores lutas de meu marido, e minha também, era trazer de volta os índios que eles mantinham como escravos em casas de brancos. Esses índios não recebiam nada pelo seu trabalho e ainda eram maltratados pelos patrões.

— O Sr. João Batista era um dos grandes torturadores do índio. Um dia pegou um índio de 12 anos e o prendeu por dois polegares, no exterior de uma rede. O menino estava ali toda a noite e foi trazido por um funcionário do posto chamado Eduardo Rios, que se revoltou com a cena. Quando o Sr. João Batista soube que o menino havia fugido foi buscá-lo na choppina da mãe e o arrastou pelos cabelos até o posto, quando então deu-lhe uma nova surra de chicote. Como essas coisas eram e ainda são frequentes.

VIDA NOVA 23.04.68



Hoje é ela Adalgisa e tem vida melhor do que quando era a índia Torozero

Índia diz como perdeu a família

Hoje ela se chama Adalgisa. Adal para os índios. Há alguns anos seu nome era Torozero e vivia no Posto Perigari, com o pai, a mãe e três irmãos. Foi a única que escapou com vida das sevícias dos que hoje estão envolvidos no processo do Serviço de Proteção aos Índios. Ainda guarda na lembrança o nome e a fisionomia de todos eles.

Em qualquer lugar do Rio — onde ela se enconde para evitar que seja vítima da vingança de alguns membros do extinto SPI — Adal espera o resultado do inquérito onde ela é uma peça importante nas denúncias. A única coisa que deseja agora é que o Governo saiba fazer justiça: por ela, seus pais, irmãos e companheiros, quase todos exterminados do longo de um período, que ela acredita ainda não terminou.

A QUE SOBROU

Adal já está aprendendo o português e consegue falar quase que sem dificuldade. Quando o repórter colocou para ela ouvir a gravação de um homem que testemunhou todas as sevícias que ela passou durante os dez anos em que esteve sob os mal tratos do SPI, não se contentou e gritou:

— É ele, é Roberto Vieira. O único, pelo menos em determinada época, que a ajudou e de quem hoje ela não consegue esquecer, apesar dos anos.

Adal é hoje uma figura importante no inquérito do SPI. Já foi ouvida e seu relatório está guardado a sete chaves pelo Ministério do Interior. Conhece todos os que tiveram participação direta nas sevícias, é capaz de reconhecê-los, conhece seus trejeitos, manias e os anos que passou sob o poder deles faz com que reconheça as vozes em todas as suas nuances.

Na rua onde mora atualmente, em companhia de dois funcionários do SPI que conseguiram fugir de onde estava, ninguém conhece seu passado. Não sai à rua sozinha nem fala com estranhos. Ela mesma conta o que viu e o que sentiu quando era a índia Torozero.

— Meu pai morreu em Perigari, vítima dos maus tratos de um homem chamado Flávio de Abreu. Minha mãe ficou só, tomando conta da gente. Eramos quatro. Eu era a menor. O encarregado da aldeia onde viviam os índios horrores era o Sr. Flávio de Abreu do SPI. Um dia ele mandou buscar minha irmã e eu para trabalharmos em uma de suas fazendas.

— Eu era pequena ainda, mas me lembro muito bem. Um dia vinha andando agarrada nas pernas de minha mãe, quando ele nos viu. Mandou que minha mãe me entregasse a ele. Mamãe recusou e se agarrou comigo. Ele então me arrancou dela e me levou. Minha mãe não disse uma palavra. E não reagia porque já estava cansada de ser acotada pelos capangas dele. Me lembro que ele me jogou num quarto lá no Posto e me deixou presa por vários dias. Minha alimentação era mamão picado e milho seco, sem sal.

— Dias depois ele apareceu com mais outra índia. Chamava-se Alice. Depois um gato veio se juntar a nós. E ficaram os três: eu, Alice e o gato, presos durante vários dias. Depois apareceu no Posto um Sr. Geraldo, que era fazendeiro na Fazenda São Francisco, no Perigari. A fazenda onde eu e minha irmã fomos trabalhar não era do SPI. Pertencia ao Dr. Luis Barreto. Quando o Flávio de Abreu saiu do Posto, ele nos mandava de castigo para aquela fazenda.

— Mas lá existia um contador, chamado Roberto Vieira, que era muito bom e não nos maltratava. Depois mandaram a minha outra irmã para lá. Ela estava esperando criança, o segundo. Era índia pura como eu e meus irmãos. O primeiro filho dela nasceu morto em consequência dos maus tratos que ela sofreu do Sr. Flávio de Abreu quando ainda se encontrava grávida.

— Quando a criança nasceu moria eles (Adal sempre se refere aos homens que a maltrataram como eles) disseram que a responsável havia sido minha mãe. Mandaram então que um de seus irmãos fosse buscá-la para enforcá-la. Meu irmão fugiu. Então o Flávio de Abreu mandou chamar outro índio e os dois amarraram minha mãe no tronco. Ficou ali toda aquela noite e a madrugada também. Quando a tiraram no dia seguinte, ela estava muito doente. Já era tuberculosa.

A partir desse dia então foi definindo sem que qualquer pessoa cuidasse dela. Minhas irmãs foram espalhadas por outras fazendas, eu fiquei no Posto de Perigari. Um dia um índio me contou que minha mãe estava morrendo. Disse para o Sr. Flávio de Abreu que queria estar com ela. Ele não deixou e me jogou, com mais outras crianças recém-nasculas, num lugar que antes servia de posto para os porcos. Ele mandou tirar os porcos de lá e nos colocou, inclusive os bebês. Tudo isso para que eu não fosse visitar minha mãe.

— Numa noite eu consegui fugir e fui ter com minha mãe. Ele soube e quando voltei ele mandou um de seus capatazes, Otaviano, que me acotasse. Esse Otaviano era índio puro também. Otaviano Aepu, era seu nome.

O ÍNDIO CHOCALHO

— Havia um índio no Posto, já muito velho e tuberculoso. Quase todos sofriam dessa doença. Aquele trabalhando e nem mesmo assim deixava de ser escravo. Por ordem desse Flávio, um capataz amarrava uma espécie de chocalho no pescoço dele e, pendurado, uma lata de banha. Essa lata servia para

que o índio cusplisse nela e a campainha para avisar aos encarregados que um tuberculoso estava se aproximando. Nós dávamos comida para ela.

— Um dia o capataz pegou o índio e o levou para a beira de um rio, orde o deixou, até que ele morreu de fome e de frio. Então foram apanhar o corpo e o enterraram por ali. O Flávio de Abreu é que mandou eles se desfazerem do índio velho. Ele sempre dizia que para ele não interessava quantos índios morressem.

Mostrando pelo corpo as marcas das surras que levava de chicote e de pau, Adal prosseguiu:

— Eles prostituíam as índias. Um dia o Flávio chamou um velho carpinteiro do Posto para lhe fazer um feão em sua fazenda. Quando o velho terminou o trabalho, o Flávio perguntou quanto ele queria pelo serviço.

— Uma índia, foi a resposta que ele deu. Então o Flávio pegou o velho e o levou a uma escola onde eu estava junto com outras índias. Quando ele entrou na sala o Flávio virou-se para ele e disse:

— Escolha a que você quiser. O velho escolheu a mais velha. Chamava-se Rosa. Ninguém, nem eu, nem a professora sabíamos para que era. Depois o pai de Rosa foi até a fazenda do Flávio procurar a filha e reclamar. Então o Flávio agarrou o velho e o prendeu dentro de um cubículo comendo mamão e milho seco. Nunca mais ouvimos falar em Rosa.

— A mãe da índia Rosa era uma velha e Flávio a mandou para trabalhar na fazenda dele. Ela era doente e tinha o nome católico de Rute. Era índia pura. Um dia o Flávio chamou o filho dela e mandou que ele lhe desse uma surra. O filho recusou. Quando Flávio soube disso mandou que seus capatazes o procurassem e o acotassem. Um desses capatazes era o Otaviano.

— Esse Otaviano foi obrigado a bater na própria mãe. Ela então fugiu com um índio que era cego a fim de procurar ajuda no Posto mais próximo. O cego morreu no meio do caminho. Então Flávio mandou que o índio fugisse que também era filho dela, fosse apunhá-la. Ele encontrou a mãe na estrada mas fingiu que não viu. O Otaviano soube disso e mandou acotá-lo, por ordem do Flávio de Abreu.

— Havia duas fazendas, chamadas Santa Teresa e Santa Maria, onde os índios trabalhavam como escravos. Um dia o Flávio mandou um casal de índios para Santa Maria. Essa índia estava esperando bebê. Como não agüentassem os maus tratos os dois fugiram. Flávio então mandou que os índios Otaviano e Cândido, também capatazes dele, fossem buscá-los. Quando eles foram capturados, amarraram-nos no tronco e os acotassem. A índia se chamava Alice.

— As maldades que eles faziam contra os índios são incalculáveis. Nem as crianças escapavam. A partir dos dois anos eram escravizadas e apunhavam de chicote.

— Havia dois índios pequenos que trabalhavam no moinho de cana. A esses juntaram-se outros dois. Esse moinho era movido por cavalos. Para poupar os cavalos eles puseram os índios para movimentar o moinho. Um dia o menino que jogava a cana dentro do aparelho perdeu todos os cinco dedos da mão direita. O menino parou o trabalho e correu para mostrar o que ainda lhe restava da mão. Aborrecido com o choro o Sr. Flávio de Abreu mandou que o acotassem. Ninguém mediu o menino, que ficou se esvaindo em sangue. Não sei o que foi feito dele. Deve ter morrido.

— O antigo Chefe da Inspeção era o Sr. Alfredo José da Silva. Esse homem sabia de tudo que estava acontecendo com os índios, mas não fazia nada para melhorar a situação. Um dia ele foi até Perigari e lá se reuniu ao Flávio de Abreu e mais um outro, cujo nome eu agora não me lembro. Mas depois eu me recordo. Não esqueço nenhum deles. Então esses três se reuniram e mandaram chamar quatro índios bem velhos. Em seguida ordenou a eles que se deitassem no chão. Depois começaram a alisar. Era nos índios que eles praticavam tiro ao alvo. Felizmente nenhum morreu disso, que eu saiba. Eles tinham boa pontaria.

Adalgisa não sabe o que é feito do Sr. Flávio de Abreu. Tem conhecimento de que ele agora está gozando de uma espécie de "licença-prêmio". Estranha que seu nome não esteja entre os indicados no inquérito que apura as irregularidades no extinto Serviço de Proteção aos Índios.

A memória de Adalgisa guarda muitos outros nomes. Ela sabe, por exemplo, quem é o principal responsável por toda a história e pelo extermínio dos Cintas Largas. Ela sabe ainda que a primeira providência que foi tomada quando se descobriu o massacre dos índios, foi em dezembro de 1963. Nessa época, o Sr. José Batista, que está cuidando dela e que a salvou de ser também massacrada, enviou um ofício ao 16.º DC, em Curitiba, denunciando o massacre dos Cintas Largas. Nessa época era Diretor do SPI, o Sr. Noel Nunes.

Desse relatório constavam os nomes dos que participaram do massacre (12 no total, entre eles Ataide Pereira, Chico Luis, Paulistão, e um outro elemento conhecido como Tenente), usando metralhadoras e revólveres calibre 45. Dizia ainda o relatório que os 12 elementos se dividiam em dois grupos. Todos foram informados, inclusive o Diretor do extinto DSP. Na ocasião o Sr. Noel Nunes trouxe uma fita gravada das denúncias para o Rio. Até hoje nenhuma providência foi tomada, nem o Sr. José Batista sabe por que somente agora, cinco anos depois, e que os fatos comecem a aparecer.